

DNOTICIAS.pt - Serviço de documentação e impressão

Ricardo Fabrício, Professor Universitário

[Redes sociais](#)

As organizações estão a ter que lidar com as escapadelas -em alguns casos verdadeiras fugas sistemáticas- dos seus trabalhadores para as redes sociais, como o Facebook, o Hi5 ou o Twitter, entre outras, em pleno horário de trabalho.

Data: 22-01-2010

Como resolvemos o problema que representa o acesso às redes sociais em pleno horário de trabalho?". Colocaram-me recentemente esta questão e não se trata de um assunto de resposta fácil. As organizações estão a ter que lidar com as escapadelas -em alguns casos verdadeiras fugas sistemáticas- dos seus trabalhadores para as redes sociais, como o Facebook, o Hi5 ou o Twitter, entre outras, em pleno horário de trabalho. É um facto. Este fenómeno volta a colocar em cima da mesa, com uma expressão como nunca antes vista, a discussão sobre as fronteiras entre o trabalho e o lazer, que a banalização da oferta tecnológica facilitou, bem como as alegadas perdas de produtividade que a mesma pode estar -paradoxalmente- a gerar.

Ainda me lembro o que representou, nos finais do século passado, a chegada do Messenger da Microsoft, apetrechado com um sistema de troca de mensagens instantâneas. Traduziu-se por um aumento de dificuldade para as organizações em lidarem com o controlo da actividade dos seus colaboradores. Com o Messenger passou a ser possível estar em ambiente laboral em interacção contínua, de forma dissimulada e como até então não havia sido possível. O classicismo das estratégias de controlo, assentes em mecanismos post factum, foi abalado. E até percebe-se bem porquê. Os sistemas de gestão estavam (e ainda estão) preparados -regra geral- para actuarem reactivamente; e a acção de controlo em tempo real traduzia um acréscimo de complexidade de difícil manuseamento. Controlar o on line e o virtual colocava (e continua a colocar) problemas de adequação. Carecemos de abordagens conceptuais inovadoras, nem sempre disponíveis ou adoptáveis, pelo menos até que ocorra uma certa banalização técnica e económica das ferramentas adequadas para o efeito.

Perante a facilidade de acesso às redes sociais, talvez valha a pena explorar os mecanismos de controlo do tráfego e de acesso às redes. Não esqueçamos que a movimentação na rede deixa rasto. Quem sabe se o efeito dissuasor que advém de se estar a monitorizar o tráfego não será suficiente para discipliná-lo... O código de estrada não evita os acidentes, porém, todos aceitamos que sem ele ocorreriam muitos mais acidentes e a circulação seria mais delicada, fruto da inexistência de regras. Logo, em relação às redes sociais, aplique-se idêntico raciocínio cauteloso, em vez de decidirmos rejeitar o inevitável: as transformações decorrentes do modo de vida do homo mobilis, da sua necessidade e apetência pelo regime on line e do quotidiano virtual que constrói. Numa era em que se cultiva e apela à mobilidade, em que o telefone celular mais parece uma extensão do indivíduo, como se de uma parte do seu corpo se tratasse (... uma espécie de 6º dedo), o boom das redes sociais, com as suas interligações e devaneios rumo a novas sociabilidades, tem que ser entendido à luz da instauração de uma nova ordem. Quero com isto dizer que o problema que representa o acesso às redes sociais em pleno horário de trabalho é muito mais do que um problema de produtividade. Se fosse um mero problema de produtividade a solução passaria pela criação de regras apertadas que norteassem a sua utilização e garantissem um máximo de eficiência.

O dilema com que as organizações se deparam é resultante da sua própria inadequação ao modo de vida em mobilidade, ao culto pelo on line e ao crescente virtual da realidade, que estão aí, a crescer, inevitáveis, mantendo uma correspondência directa com a expressão generalizada dos comportamentos dos indivíduos contemporâneos. Não tenhamos ilusões: o nosso verdadeiro problema é persistir em soluções ultrapassadas para lidar com a forma actual de estar em sociedade, no trabalho e no lazer. Às tantas as redes sociais não são (mesmo) controláveis, quanto muito são realidades experienciáveis.

© Está expressamente proibida a distribuição e a utilização dos diferentes conteúdos dos serviços do DNOTICIAS.pt, sem consentimento prévio da Empresa Diário de Notícias, Lda.